

desvio polar

clive cussler e paul kemprecos

Tradução de Maria da Fé Peres



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Prólogo



PRÚSSIA ORIENTAL, 1944

O *MERCEDES-BENZ 770 W150 GROSSER TOURENWAGEN* PESAVA MAIS DE quatro toneladas e estava tão artilhado como um *Panzer*. Mas aquela limusina com capacidade para sete passageiros parecia mover-se como um fantasma sobre o tapete da neve que acabara de cair, deslizando de faróis apagados pelos campos de trigo adormecidos e cintilantes, sob o clarão azulado da Lua.

Ao aproximar-se de uma quinta erigida num vale pouco acentuado, o condutor pressionou ligeiramente os travões. O carro diminuiu para uma marcha pouco acelerada e foi-se aproximando da estrutura de pedra rebaixada, com o movimento furtivo e silencioso de um gato em direção ao rato que vai caçar.

Através do para-brisas enregelado, o condutor mirou cautelosamente o exterior com os seus olhos da cor do gelo ártico. O edifício parecia estar abandonado, mas ele sabia que não se poderia correr qualquer risco. As formas negras e metálicas do carro estavam envolvidas em demãos apressadas de tinta branca. Aquela camuflagem grosseira conseguia tornar o automóvel praticamente invisível aos raids aéreos dos aviões *Stormovic*, que deambulavam pelos céus como falcões enraivecidos, mas o *Mercedes* escapava por um fio às patrulhas russas que se materializavam como espectros no meio da neve. Na carroçaria, havia já dezenas de crateras abertas pelas balas das armas.

Por isso, ele aguardou.

O homem que ia estendido no banco traseiro espaçoso do sedan de quatro portas sentira o movimento do carro a abrandar. Sentou-se e pestanejou, para dissipar o sono que se acumulava nos olhos.

— O que se passa? — perguntou em alemão, com um sotaque húngaro. Tinha a voz entaramelada por causa do sono.

O condutor respondeu ao passageiro num tom a impor-lhe silêncio. — Há qualquer coisa que não...

O metralhar de uma arma de fogo quebrou o silêncio cristalino da noite.

O condutor calçou o pedal do travão. O veículo compacto sibilo e foi deslizando até se imobilizar completamente a cerca de cinquenta metros da casa rural. Depois de desligar o motor, o homem arrebatou do banco da frente uma *Luger* de 9mm. Apertou o punho da pistola entre os dedos, no momento em que um vulto corpulento, trajado com um uniforme em verde-azeitona e um gorro de pele do Exército Vermelho, emergia com um andar vacilante da porta principal da casa.

O soldado vinha agarrado ao braço e urrava como um touro que tivesse acabado de ser picado por uma vespa.

— *A puta da maldita fascista!* — berrava ele, incessantemente. Tinha a voz rouca de raiva e de dor.

O soldado russo entrara na quinta poucos minutos antes. O casal de agricultores escondera-se num guarda-vestidos, aninhando-se debaixo de um cobertor como as crianças com medo do escuro. Ele tinha disparado uma bala sobre o marido, virando a seguir as atenções para a mulher, que se refugiara entretanto na cozinha minúscula.

O soldado chamara-a com o dedo curvado e a arma encostada ao ombro, entoando ao mesmo tempo *Frau, komm*, num prelúdio suave à violação.

Mas o cérebro já impregnado de vodca tinha falhado a avisá-lo do perigo que ele corria. A mulher do agricultor não implorara piedade, nem se desfizera em lágrimas, ao contrário do que acontecera com as outras mulheres que ele violara e assassinara. Fitara-o com uns olhos incandescentes e sacara subitamente de uma faca de trinchar escondida nas costas, tentando atingi-lo em pleno rosto. Ele vira o brilho do aço no feixe do luar que se projetava pela janela e tinha erguido o braço esquerdo para se defender, mas a lâmina afiada ainda o atingiu na manga e no antebraço. Com a outra mão, empurrou a mulher para o chão. Mas mesmo aí, ela investiu de novo

com a faca. Dominado pela mais pura raiva, ele tinha-a cortado ao meio, com rajadas frenéticas da sua metralhadora *PPS-43*.

Ao chegar ao exterior, o soldado examinou a ferida. O corte não era profundo, deixando apenas escorrer um fio de sangue. Tirou do bolso uma garrafa com um quartilho de vodca caseira e bebeu-a de um só trago. A bebida explosiva, com cinquenta por cento de teor alcoólico, escorreu-lhe pela garganta e esbateu a dor que lhe latejava no braço. Atirou a garrafa vazia para a neve, limpou a boca às costas da luva e pôs-se em marcha para se juntar aos camaradas. Iria gabar-se de que ficara ferido numa luta contra um bando de fascistas.

Avançou penosamente através da neve e deteve-se ao ouvir subitamente o *tick-tack* vindo do motor de um carro a arrefecer. A cara larga e boçal franziu-se numa expressão de desconfiança. Sacou da metralhadora pendurada ao ombro e apontou-a na direção de um vulto enublado. O dedo pressionou o gatilho.

De repente, acenderam-se quatro faróis incandescentes. O motor potente ressuscitou com os seus oito cilindros em linha e o veículo lançou-se para a frente, com a traseira a arrojar na neve como o rabo de um peixe. O russo tentou esquivar-se do carro. O canto do para-choques maciço apanhou-lhe a perna e projetou-o para um dos lados da estrada.

O carro deslizou, até se imobilizar, e a porta abriu-se para deixar sair o condutor. Um homem alto caminhou pela neve em direção ao soldado, com o sobretudo em cabedal negro a ondular suavemente sobre os quadris. Tinha um rosto comprido, com os maxilares cavados, e estava com o cabelo louro e curto a descoberto, embora a temperatura se mantivesse abaixo dos zero graus.

Agachou-se junto ao soldado prostrado no solo.

— Está ferido, *tovarich*? — perguntou-lhe em russo. Tinha uma voz grave e ressonante e falava-lhe com a solidariedade objetiva de um médico.

O soldado resmungou. Não conseguiu acreditar naquela pouca sorte. Primeiro a cabra alemã com a faca e agora *aquilo*.

Praguejou por entre os lábios cobertos de espuma. — O diabo que o carregue! É *claro* que estou ferido.

O homem alto acendeu um cigarro e colocou-o entre os lábios do russo. — Está alguém na casa?

O soldado inspirou profundamente o cigarro e exalou o fumo pelo nariz. O desconhecido deveria ser um dos comissários políticos que infestavam o exército como se fossem pulgas.

— Eram dois fascistas — explicou o russo. — Um homem e uma mulher.

O desconhecido entrou na casa e reapareceu passados minutos.

— O que aconteceu? — perguntou, ajoelhando-se junto ao soldado.

— Matei o homem. A bruxa fascista atacou-me com uma faca.

— Bom trabalho — disse o outro, dando uma palmada amigável no ombro do russo. — Está aqui sozinho?

O soldado resmungou como um cão agarrado ao seu osso. — Não costumo partilhar os meus saques, nem as minhas mulheres.

— A que unidade pertence?

— Ao comando da Décima Primeira Guarda do General Galitsky — respondeu o soldado com uma voz orgulhosa.

— Foram vocês os responsáveis pelo ataque a Nemmersdorf junto à fronteira?

O homem mostrou uns dentes estragados. — Espetámos os fascistas contra os palheiros. Homens, mulheres e crianças. Devia ter ouvido os cães fascistas a implorar misericórdia.

O homem alto acenou com a cabeça. — Muito bem. Posso levá-lo até junto dos seus camaradas. Onde posso encontrá-los?

— Estão próximos. Preparam-se neste momento para avançar de novo em direção a ocidente.

O desconhecido dirigiu o olhar para uma linha de árvores ao longe. Àquela distância o ribombar dos enormes tanques de batalha *T-34* lembrava uma trovoadas. — Onde estão os alemães?

— Esses porcos estão a fugir para ver se escapam com vida. — O soldado cuspi o cigarro dos lábios. — Longa vida à Mãe Rússia.

— Sim — proferiu o seu interlocutor. — Longa vida à Mãe Rússia. — Enfiou a mão no interior do sobretudo, sacou da *Luger* e encostou-a à têmpora do soldado. — *Auf Wiedersehen*, camarada.

Ouviu-se apenas um disparo. O desconhecido fez deslizar a pistola para dentro do coldre e regressou ao carro. Ao sentar-se em frente ao volante, o passageiro emitiu uma exclamação rouca do banco de trás.

— Matou aquele soldado a sangue-frio!

O homem devia ter à volta de trinta e cinco anos, com um cabelo escuro e o rosto bem cinzelado e típico dos atores. Tinha ainda um bigode fino a adornar os lábios delicados. Mas não havia nada de frágil na forma como os seus olhos cinzentos e expressivos ardiam de cólera.

— Limitei-me a ajudar mais um Ivan a sacrificar-se pela grande glória da Mãe Rússia — disse-lhe o condutor, em alemão.

— Eu compreendo que estamos em guerra — afirmou o passageiro, com a voz tensa de emoção. — Mas até o senhor devia admitir que os russos são humanos como nós.

— Sim, professor Kovacs, nós somos *muito* parecidos. Cometemos atrocidades inarráveis contra o povo deles e agora chegou a hora da desforra. — E descreveu-lhe então os horrores do massacre de Nemmersdorf.

— Lamento o que aconteceu a essa gente — prosseguiu Kovacs, num tom menos inflamado —, mas o facto de os russos agirem como uns animais não deveria implicar que o resto das pessoas no mundo se comportasse como selvagens.

O condutor encheu o peito e soltou um suspiro profundo. — A frente do exército fica atrás daquela cumeeira — informou. — Sinta-se à vontade para debater a bondade da humanidade com os seus amigos russos. Não o vou impedir.

O professor encolheu-se como uma ostra.

O condutor deitou-lhe uma olhadela através do espelho retrovisor e soltou interiormente uma gargalhada irónica.

— Uma decisão sensata. — Acendeu um cigarro, curvando-se para proteger a chama do fósforo. — Deixe-me explicar-lhe a situação. O Exército Vermelho atravessou a fronteira e dissipou a frente alemã como se ela fosse feita de fumo. À nossa volta, todos os que habitavam esta bela paisagem fugiram e abandonaram as casas e os campos. Os russos dispõem de uma vantagem de dez para um, em homens e armas, e estão a barrar todas as vias terrestres para ocidente, à medida que se aproximam de Berlim. Há milhões de pessoas a deslocarem-se em direcção à costa, onde o mar constitui a única via para a fuga.

— Que Deus nos ajude — disse o professor.

— Parece que *Ele* também abandonou a Prússia Oriental. Considere-se um homem afortunado — comentou o condutor, em tom jovial. Conduziu o carro em marcha-atrás, para meter depois a primeira mudança e contornar o corpo do russo. — Está a assistir à História.

O carro dirigiu-se para ocidente, entrando na terra de ninguém, rodeado de russos que avançavam como *bulldozers* e de alemães a baterem em retirada. O *Mercedes* avançava pelos caminhos, contornando as vilas e as

propriedades rurais completamente desertas. O campo gelado tinha um ar surrealista, como se tivesse sido virado para um dos seus lados e entornado tudo quanto era vida humana. Os viajantes apenas paravam para reabastecer o depósito do carro com as reservas que traziam ou para se aliviarem.

Começaram então a distinguir trilhos na neve. Pouco tempo depois, o carro chegava à cauda da fila dos refugiados. A retirada estratégica transformara-se num fluxo compacto de camiões e tanques, que se arrastavam pela neve numa torrente vagarosa de soldados e civis.

Os mais afortunados deslocavam-se em tratores ou em carroças puxadas por cavalos. Os outros seguiam a pé, empurrando pela neve os carrinhos de mão empilhados com os haveres pessoais. Muitos outros tinham escapado apenas com a roupa que traziam vestida.

O *Mercedes* seguiu pela berma da estrada, com os trilhos profundos dos pneus a enterrarem-se na neve, e avançou, até conseguir ultrapassar a cabeça da fila. Por volta do amanhecer, o carro coberto de lama arrastava-se em direção à entrada de Gydnia, como um rinoceronte ferido à procura de um abrigo no meio do mato.

Em 1939 os alemães tinham ocupado Gydnia e expulsado cinquenta mil polacos, inspirando-se nos Godos para rebatizarem o concorrido porto de mar com o nome de Gotenhafen. O porto fora transformado numa base da armada e colocado prioritariamente ao serviço dos submarinos. O estaleiro de Kiel dispunha de uma linha de produção para novos submarinos alemães, que eram apetrechados posteriormente com tripulações, treinadas nas águas mais próximas, para afundarem os navios dos Aliados a navegar no Atlântico.

Em Gydnia concentrava-se uma vasta flotilha dedicada à evacuação, comandada pelo Grande-Almirante Karl Doenitz. A armada abrangia alguns dos melhores transatlânticos alemães, cargueiros, pesqueiros e embarcações privadas. Doenitz pretendia resgatar o pessoal afeto aos submarinos e a outros meios navais, para poder prosseguir o combate. As previsões apontavam para o transporte para ocidente de um número superior a dois milhões, em pessoal civil e militar.

O *Mercedes* foi abrindo caminho pelo meio da cidade. Da direção do Mar Báltico soprava um vento frio e agreste, que fazia rodopiar os flocos de neve, transformando-os em nuvens de espigões gelados. Apesar de as condições serem propícias a causar ulcerações pelo gelo, as ruas da cidade estavam tão cheias como se aquele fosse um dia de verão. Os refugiados e os prisioneiros de guerra caminhavam com dificuldade, envolvidos em

rajadas violentas e procurando em vão um abrigo. Os postos de assistência estavam a abarrotar, com longas filas de refugiados esfomeados à espera de um pedaço de pão ou de uma tigela de sopa quente.

As carroças, atravancadas até acima com passageiros e mercadorias, obstruíam as ruelas estreitas. Da estação de caminho de ferro, jorravam mais refugiados que se juntavam à multidão de pessoas que seguiam a pé. Estas pareciam criaturas estranhas vindas da neve, camufladas com as várias camadas de roupa. Para transportar as crianças, recorria-se a trenós improvisados.

A potência do automóvel permitia-lhe atingir os 170 quilómetros horários, mas, passados breves momentos, este ficava atolado no meio daquele movimento. O condutor praguejava, pressionando a buzina, mas o para-choques de metal não tinha capacidade suficiente para afastar os refugiados do caminho. Frustrado com aquele trânsito fossilizado, ele foi abrandando até imobilizar o carro por completo. Saiu e abriu a porta de trás.

— Venha, professor — disse ele, exortando o seu passageiro com um tom apressado. — Está na altura de darmos um pequeno passeio.

Conseguiram finalmente chegar ao cais, onde se encontravam já mais de sessenta mil refugiados, movidos pela esperança de entrar numa das embarcações acostadas aos embarcadouros ou ancoradas no porto.

— Observe bem — afirmou o condutor, olhando em redor com um sorriso irónico — e veja como todos os teólogos se enganaram. Conforme pode constatar, no Inferno existe *frio* e não calor.

O professor convencera-se de que estava nas mãos de um louco. Antes de conseguir esboçar qualquer movimento, o seu guia irrompia com ele pelo meio da multidão. Agarrava firmemente no braço de Kovacs e gritava com toda a gente para conseguir passar, dando encontrões com o ombro se as pessoas não se afastavam rapidamente. Passaram por um grupo de tendas cobertas de neve, feitas a partir de cobertores, e por dezenas de cavalos e cães esfomeados que tinham sido abandonados pelos donos. As docas estavam atulhadas de carroças. Havia também filas de macas com soldados feridos que os comboios-hospital traziam do Leste. Cada prancha de acesso era vigiada por guardas armados, prontos a demover a entrada dos passageiros não autorizados.

O condutor deslocou-se até à frente de uma das filas de passageiros. A sentinela de serviço no posto de controlo, armada com o seu capacete de aço, ergueu a arma a barrar-lhe a passagem. Ele acenou-lhe debaixo do

nariz com um papel impresso em pesados caracteres góticos. O guarda leu o documento, pôs-se em sentido e indicou-lhe o caminho para a doca.

O professor não se moveu. Estava a observar alguém a bordo do navio acostado ao cais, que atirara uma trouxa para a multidão no embarcadouro. O lance fora demasiado curto e a trouxa caíra à água. Da multidão saíra então um grito lancinante.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

O guarda mal olhou na direção daquela agitação. — Os refugiados que trazem um bebé dispõem de autorização para embarcar. Por isso, atiram com o bebé para trás, recorrendo a esse estratagema vezes sem conta, como se fosse um livre-trânsito. Às vezes falham e o bebé cai à água.

— Que coisa horrível — comentou o professor, estremecendo.

O guarda encolheu os ombros. — É melhor avançarem. Assim que a neve parar de cair, os Vermelhos vão enviar aviões e começam a lançar bombas e a disparar com as metralhadoras lá do alto. Boa sorte. — E voltou a erguer a arma, para deter a pessoa que se lhes seguia na fila.

O documento mágico evitou que Kovacs e o motorista fossem detidos por dois oficiais das SS de ar duro, à procura de homens que estivessem em condições para poderem levar para a frente de batalha. Por fim, chegaram junto a uma rampa que dava acesso a um *ferry-boat* repleto de soldados feridos. O condutor voltou a apresentar os documentos a um guarda, que os intimou a embarcarem de seguida.

A saída do *ferry* superlotado da doca foi seguida atentamente por um homem que envergava o uniforme do corpo médico da marinha. Até aí, ele estivera ocupado com o embarque dos feridos, mas depois embrenhou-se na multidão e distanciou-se do cais para se dirigir a um ferro-velho naval.

Trepou para a carcaça de um pesqueiro em estado de degradação e desceu até ao porão. Retirou do armário da cozinha um rádio com uma manivela, ligou-o e murmurou algumas frases em russo. Escutou a resposta que lhe era enviada do outro lado, misturada com os ruídos da transmissão, e voltou a guardar o aparelho para regressar à doca dos *ferries*.

O *ferry* que levava a bordo Kovacs e o seu companheiro aproximava-se de um navio, pelo lado do casco virado para o alto-mar. A embarcação fora desviada até alguns metros de distância da doca, para se evitar que os re-

fugiados mais desesperados tentassem embarcar furtivamente. Quando o *ferry* estava a passar sob a proa do navio, o professor ergueu a cabeça. No casco cinzento via-se o nome *Wilhelm Gustloff*, escrito em letras góticas.

Depois de se abrir o portaló, os feridos começaram a ser transportados para o interior do navio. A seguir, foi a vez dos restantes passageiros. Estes levavam sorrisos nos lábios e murmuravam orações de graças. A mãe pátria alemã estava apenas à distância de alguns dias de navegação.

Nenhum destes passageiros felizes poderia então saber que acabava de embarcar num túmulo flutuante.

O Capitão de Terceira Classe Sasha Marinesko espreitava pelo periscópio do submarino *S-13*, com as sobrancelhas negras franzidas numa profunda expressão de desagrado.

Nada.

Nem um transporte alemão à vista. O mar cinzento encontrava-se tão vazio como os bolsos de um marinheiro que acabasse de regressar da sua licença em terra. Nem sequer um desprezível barco a remos, que fosse possível atingir. O capitão sentia a cólera a inflamar-se como uma chaga viva, ao pensar nos doze torpedos por utilizar no seu submarino soviético.

O estado-maior da armada soviética tinha-lhe comunicado que a ofensiva do Exército Vermelho sobre Danzig iria provocar uma enorme evacuação pela via marítima. O *S-13* era um dos três submarinos soviéticos com instruções para aguardar o êxodo que se previa acontecer a partir de Memel, um porto ainda controlado pelos alemães.

Ao saber que Memel tinha sido capturado, Marinesko reunira os seus oficiais. Informara-os de que tinha decidido seguir em direção à baía de Danzig, o ponto mais provável para a convergência dos comboios de evacuação.

Nenhum deles colocara qualquer objeção. Os oficiais e a restante tripulação tinham a consciência exata de que o sucesso da sua missão poderia significar a diferença entre uma receção de heróis ou o seu envio para a Sibéria, apenas com um bilhete de ida.

Dias antes, o capitão tinha arranjado problemas com a polícia secreta, a NKGB, ao abandonar a base sem autorização. A 2 de janeiro, enquanto ele frequentava as casas de prostituição, Estaline tinha ordenado aos submarinos que rumassem para o Báltico com o objetivo de dizimar os comboios. Só que o capitão estava a meio de uma farra de três dias, nos bordéis e bares

do porto finlandês de Turku, e tinha regressado ao *S-13* com um dia de atraso relativamente à data em que devia partir.

A NKGB estava à sua espera. E as suspeitas iniciais da polícia tinham até aumentado ao ver que ele não se conseguia recordar dos detalhes da sua orgia de bêbado. Marinesko era um capitão de submarino altivo e duro, condecorado com as ordens de Lenine e da Bandeira Vermelha. Tratava-se de um homem arrogante, que explodira de raiva ao ver-se acusado de espionagem e deserção pela polícia secreta.

Graças à solidariedade do seu superior hierárquico, tinha sido possível adiar a convocação de um tribunal marcial. Mas esta manobra dilatória acabara por se revelar infrutífera quando a equipa de ucranianos do submarino assinou uma petição a pedir que o capitão voltasse a assumir o comando da embarcação. O oficial superior sabia que esta atitude de mera lealdade iria ser encarada como uma potencial amotinação. Para tentar minimizar uma situação perigosamente delicada, ordenou que o submarino rumasse ao mar enquanto se deliberava a questão do tribunal marcial.

Marinesko tinha concluído que se afundasse bastantes navios germânicos, ele e a sua tripulação conseguiriam evitar uma pena severa.

Sem colocar o estado-maior da armada ao corrente do seu plano, ele e os seus homens conduziram discretamente o *S-13* para um rumo que os desviasse das rotas marítimas patrulhadas e os levasse até um encontro auspicioso com os transatlânticos alemães.

Friedrich Petersen, um homem de cabelos brancos, era o capitão de marinha mercante do *Gustloff*. Enquanto percorria incessantemente a sala dos oficiais, espumava de raiva, parecendo uma exibição ambulante de pirotecnia. De repente parou e lançou um olhar furibundo a um homem mais jovem, que envergava o uniforme imaculado da divisão de submarinos.

— Posso recordar-lhe, Comandante Zahn, que eu sou o capitão deste navio e o responsável por o conduzir, bem como a todos os que se encontram a bordo, a um lugar seguro?

Apelando para a sua disciplina de ferro, o comandante de submarinos, Wilhelm Zahn, curvou-se e coçou a parte de trás da orelha de *Hassan*, o grande lobo-d'alsácia que estava ao seu lado. — E eu posso recordar-lhe, capitão, que o *Gustloff* está sob o meu comando desde 1942, na qualidade de navio de apoio à flotilha de submarinos? *Eu* sou o oficial mais antigo a

bordo. Além disso, esquece-se que jurou não voltar a comandar um navio no mar.

Após ter sido capturado pelos britânicos, Petersen tinha assinado aquele acordo, como contrapartida ao seu repatriamento. O juramento não passara de uma formalidade, uma vez que os britânicos o consideravam já demasiadamente velho para poder desempenhar essa função. Aos sessenta e sete anos, Petersen tinha consciência de que a sua carreira estava liquidada, independentemente do desfecho que a guerra viesse a ter. Ele era um *Leigerkapitän*, o “capitão adormecido” do *Gustloff*. No entanto, dava-lhe algum conforto saber que Zahn fora afastado do terreno efetivo das operações, depois de ter feito um mau trabalho ao tentar afundar o *Nelson*, um navio britânico.

— Mesmo assim, capitão, o *Gustloff* nunca saiu da doca sob o seu comando — afirmou ele. — Existe uma grande distância entre a travessia de um navio pelo mar e uma sala de aulas flutuante com um conjunto de casernas ancoradas num porto. Ainda que eu tenha em elevada conta o serviço dos submarinos, não pode negar que sou a única pessoa qualificada para levar a embarcação para o mar.

Petersen tinha capitaneado o *Gustloff* uma só vez, em tempo de paz, e em circunstâncias normais nunca lhe seria concedida autorização para assumir o seu comando. Zahn sentia os cabelos em pé ao pensar na hipótese de vir a ser chefiado por um civil. Os oficiais germânicos dos submarinos consideravam-se um grupo de elite.

— Portanto, a bordo, sou eu o oficial militar. Talvez já tenha reparado que existem canhões antiaéreos instalados no convés — retorquiu Zahn. — Sob o ponto de vista técnico, esta embarcação é um navio de guerra.

O capitão replicou-lhe com um sorriso complacente. — Um navio de guerra um tanto invulgar. Talvez o *senhor* tenha reparado que transportamos milhares de refugiados, numa missão que se revela mais adequada ao transporte da marinha mercante.

— Esqueceu-se de referir os mil e quinhentos tripulantes de submarinos que têm de ser evacuados para poderem defender o Reich.

— Estaria disposto a concordar com a sua pretensão se me apresentasse ordens escritas nesse sentido. — Com a agitação que precedera a evacuação, Petersen sabia perfeitamente que não existiam essas ordens.

Zahn ficou com o rosto tão vermelho como um tomate. A sua oposição ultrapassava o plano da animosidade pessoal. Ele tinha sérias dúvidas relativamente à capacidade de Petersen em comandar o navio, com a tripulação

inexperiente e poliglota que este tinha sob as suas ordens. Sentia o desejo de dizer ao capitão que ele era um doido varrido, mas a sua disciplina férrea impediu-o de o fazer. Virou-se então para os outros oficiais que observavam aquele confronto delicado.

— Este não vai ser um cruzeiro da “Força pela Alegria” — disse-lhes. — Todos nós, oficiais da marinha mercante e da armada, temos uma missão difícil e pesadas responsabilidades. Cabe-nos o dever de fazer o que for possível para facilitar a vida aos refugiados e eu conto que a tripulação não se poupe a esforços para se tornar útil.

Bateu os calcanhares e cumprimentou Petersen, abandonando então a sala, seguido pelo seu fiel lobo-d’alsácia.

O guarda que estava no topo das escadas dera uma olhadela ao documento apresentado pelo homem alto e passara-o ao oficial encarregue de controlar o embarque dos feridos.

O oficial leu a carta devagar. Por fim, proferiu: — *Herr Koch* tem-no em elevada conta.

Erich Koch era *Gauleiter*, o carneiro que se recusara a evacuar a Prússia Oriental, porque na altura estava mais preocupado com a própria fuga a bordo de um navio repleto de tesouros roubados.

— Gosto de pensar que consegui merecer o seu respeito.

O oficial chamou um camareiro à sala e explicou-lhe a situação. O outro encolheu os ombros e conduziu-os pelo tombadilho, descendo a seguir até três níveis mais abaixo. Depois abriu a porta de um camarote munido de duas tarimbas e uma tina. O compartimento era tão pequeno que os três não cabiam lá ao mesmo tempo.

— Não se trata exatamente da suite do *Führer* — comentou o camareiro. — Mas já é uma sorte poderem dispor deste espaço. A casa de banho fica na quarta porta a contar daqui.

O homem alto deu uma olhadela ao camarote. — Isto serve. Agora falta arranjar-se qualquer coisa para comer.

O camareiro enrubesceu. Estava farto de receber ordens para providenciar algum conforto aos VIP enquanto os comuns mortais tinham de sofrer. Mas havia qualquer coisa nos olhos frios e azuis daquele homem que o impedia de reclamar. Regressou um quarto de hora mais tarde com duas taças de sopa de legumes quente e umas fatias de pão.

Os dois homens devoraram a comida em silêncio. O professor acabou

de comer primeiro e colocou a taça de lado. Tinha os olhos vidrados de exaustão, mas a mente permanecia desperta.

— Que navio é este? — perguntou ele.

O homem alto limpou o fundo da sua taça com o último pedaço de pão e a seguir acendeu um cigarro. — Bem-vindo ao *Wilhelm Gustloff*, o orgulho do movimento alemão da Força pela Alegria.

O movimento correspondia a uma operação de propaganda em curso, para demonstrar os benefícios do Nacional-Socialismo aos trabalhadores alemães. Kovacs percorreu com o olhar as acomodações espartanas. — Não vejo aqui muita força ou alegria.

— Mesmo assim, um dia o *Gustloff* vai voltar a transportar os felizes trabalhadores alemães e os fiéis ao partido para a Itália ensolarada.

— Mal consigo esperar que esse dia chegue. Mas não me disse para onde íamos.

— Para muito longe do Exército Vermelho. O seu trabalho é demasiado importante para cair nas mãos dos Russos. O Reich vai tomar bem conta de si.

— Aquilo que me parece é que o Reich está a ter dificuldades em tomar conta do seu povo.

— Trata-se de um desaire temporário. O seu bem-estar constitui a minha maior prioridade.

— Não é o *meu* bem-estar que me preocupa. — Havia meses que Kovacs não via a mulher nem o filho de tenra idade. Apenas as cartas espaçadas que recebia deles mantinham viva a sua esperança.

— A sua família? — O homem alto olhou fixamente para ele. — Não se preocupe. Agora sugeria-lhe que dormisse umas horas. Não, isto é uma ordem.

Estendeu-se na cama, apoiando a cabeça sobre as mãos entrelaçadas e cerrou os olhos. Kovacs não se deixou iludir. O seu companheiro raramente dormia e ao menor movimento levantava-se completamente desperto.

O professor examinou-lhe o rosto. Poderia ter pouco mais de vinte anos, embora parecesse mais velho. Tinha uma cabeça longa e os traços proeminentes que se viam nos cartazes de propaganda ao ariano ideal.

Kovacs estremeceu, ao lembrar-se da forma como o soldado russo tinha sido despachado a sangue-frio. Aqueles últimos dias pareciam-lhe uma miragem. O homem alto aparecera no laboratório, na altura em que caía uma tempestade de neve, munido de um documento que autorizava a libertação do Dr. Kovacs. Apresentara-se apenas como Karl e pedira-lhe que reunisse as suas coisas. Seguiria-se aquela corrida desenfreada, através dos

campos gelados, e as fugas por um triz às patrulhas russas. E agora aquele navio miserável.

A comida fizera com que Kovacs ficasse sonolento. As pálpebras foram-se fechando e ele caiu num sono profundo.

Enquanto o professor dormia, o *Gustloff* foi todo vasculhado por uma brigada da polícia militar à procura de desertores. Quando estava já em condições de partir, o navio recebeu ainda a visita de um dos pilotos do porto. Por volta da uma da tarde, os marinheiros do convés içaram os cabos presos ao ancoradouro. Aproximaram-se então quatro rebocadores para começar a levar o navio para fora das docas.

O caminho encontrava-se obstruído por uma frota de pequenas embarcações, na sua maioria repletas de mulheres e crianças, e o navio deteve-se para acolher os refugiados a bordo. Por norma, o *Gustloff* transportava 1465 passageiros, servidos por uma tripulação de quatrocentos homens. Mas no início daquela viagem, o outrora elegante transatlântico transportava oito mil passageiros.

O navio seguiu então para o alto-mar e lançou âncora já ao final da tarde, para aguardar a chegada de outro transatlântico, o *Hansa*, e também dos navios-escolta. O *Hansa* nunca chegou a aparecer devido a um problema nos motores. O Comando Naval receava que o *Gustloff* corresse perigo em mar aberto, pelo que deu instruções para que este prosseguisse a viagem.

O transatlântico embrenhou-se nas águas alterosas do Báltico, enfrentando o vento agreste que soprava de nordeste. O granizo fustigava as janelas da ponte de comando, onde o Comandante Zahn fervilhava de cólera ao olhar para baixo, para as chamadas duas escoltas que tinham sido enviadas para proteger o navio.

O *Gustloff* fora construído para climas do Sul, mas com alguma sorte iria conseguir sobreviver ao mau tempo. Aquilo a que não conseguiria sobreviver era à *estupidez*. O Comando Naval colocara o transatlântico numa posição difícil, ao enviar como escoltas um velho torpedeiro chamado *Lowe* ou “Leão” e o *T19*, uma embarcação já usada e destinada à recuperação de torpedos em exercícios de treino. Quando Zahn pensava que a situação já não poderia piorar mais, o *T19* enviou uma mensagem via rádio a informar de que tinha um rombo e que era obrigado a regressar à base.

Zahn foi ao encontro do Capitão Petersen e outros oficiais reuniram-se a eles na ponte de comando.

— Em vista da presente situação das escoltas, sugiro que prossigamos a toda a velocidade, numa rota em ziguezague — propôs ele.

Petersen ouviu a sugestão com ar de desdém. — Impossível. O *Wilhelm Gustloff* é um transatlântico oceânico de vinte e quatro milhares de toneladas. Não podemos andar a trocar de rumo como um marinheiro bêbado.

— Então temos de exceder os submarinos alemães com uma velocidade superior. Podemos seguir a direito pela rota das águas profundas, com o máximo da potência de dezasseis nós.

— Eu conheço este navio. Mesmo sem um ataque de bombas às tubearas dos hélices, não há possibilidade de atingir e manter os dezasseis nós, sem perdermos completamente o rumo — afirmou Petersen.

Zahn conseguia distinguir as veias inflamadas no pescoço do capitão. Através das janelas da ponte, fitou o velho torpedeiro que seguia à sua frente. — Nesse caso — disse ele, num tom de voz que parecia ecoar dentro de um túmulo — que Deus nos ajude a todos.

— Professor, acorde. — A voz era tensa e denotava urgência.

Kovacs abriu os olhos e viu Karl debruçado sobre ele. Ergueu-se e esfregou o rosto, tentando dissipar o sono.

— O que aconteceu?

— Andei a falar com algumas pessoas. Meu Deus, que confusão! Temos dois capitães que se digladiam o tempo todo. Não há salva-vidas suficientes. Os motores do navio mal conseguem aguentar a velocidade. A divisão dos submarinos deu uma ordem imbecil para o navio viajar com um velho torpedeiro, que parece ter sobrado da outra guerra, como navio-escolta. E estes malditos loucos navegam com as luzes de navegação acesas.

Kovacs descobria um sinal de alarme pouco habitual naquelas feições esculpidas em pedra.

— Quanto tempo dormi?

— Já é de noite. Neste momento, encontramos-nos em alto-mar. — Karl passou a Kovacs um colete salva-vidas azul-escuro e enfiou-se noutra semelhante.

— O que fazemos agora?

— Fique aqui. Quero certificar-me da situação dos salva-vidas — disse, atirando-lhe ao mesmo tempo um maço de cigarros. — Sirva-se à vontade.

— Eu não fumo.

Karl deteve-se por um instante junto ao limiar da porta. — Talvez seja a altura de começar a fazê-lo. — E partiu.

Kovacs retirou um cigarro do maço e acendeu-o. Deixara de fumar há alguns anos, depois de casar. Tossiu quando o fumo lhe encheu os pulmões e o tabaco forte fê-lo sentir-se tonto, mas reviveu com um prazer delicioso a devassidão inocente dos dias de estudante.

Acabou de fumar o cigarro e pensou em acender outro, mas decidiu-se pelo contrário. Já não tomava um banho há dias e sentia comichão em múltiplos pontos do corpo. Lavou a cara na tina e estava a limpar as mãos a uma toalha encardida quando sentiu um toque na porta.

— Professor Kovacs? — chamava uma voz abafada.

— Sim.

A porta abriu-se e o professor estremeceu, sobressaltado. À sua frente estava a mulher mais feia que ele já tinha visto. Media mais de um metro e oitenta e tinha uns ombros largos que faziam esgaçar as costuras de um casaco preto, em pelo de carneiro persa. A boca larga estava pintada com um batom vermelho e brilhante, e aqueles lábios espampanantes davam-lhe o ar de um palhaço de circo.

— Peço-lhe desculpa por esta aparência — disse ela, com uma voz inconfundivelmente masculina — mas não era muito fácil embarcar no navio. Tive de recorrer a este disfarce estapafúrdio, a par de alguns subornos.

— Quem é o senhor?

— Isso não importa. Aquilo que interessa é quem *o senhor* é: o Dr. Lazlo Kovacs, cidadão germano-húngaro e um génio proeminente no campo da eletricidade.

Kovacs adotou uma expressão prudente. — Chamo-me Lazlo Kovacs e considero-me húngaro.

— Esplêndido! O senhor é o autor da tese sobre o eletromagnetismo, que entusiasmou o mundo científico.

Kovacs colocou as suas antenas em estado de alerta. A tese fora publicada numa revista científica obscura e tinha chamado a atenção dos alemães, que posteriormente o tinham raptado, bem como à sua família. Ficou em silêncio.

— Não se preocupe — disse o homem com ar jovial, aumentando ainda mais o sorriso de palhaço. — Já vi que dei com o homem certo. — Enfiou a mão no interior do casaco de pele e tirou uma pistola. — Lamento ter de tomar esta atitude tão rude, Dr. Kovacs, mas vou ser obrigado a matá-lo.

— *Matar-me?* Porquê? Nem sequer o conheço.

— Mas *eu* conheço-o. Ou, melhor, os meus superiores da NKGB conhecem-no. Assim que as forças do nosso glorioso Exército Vermelho passaram a fronteira, enviámos um pelotão especial para o localizar, mas nessa altura já tinha abandonado o laboratório.

— O senhor é russo?

— Claro que sim. Teríamos tido o maior prazer em contar com a sua colaboração. Se tivéssemos conseguido intercetá-lo antes de embarcar neste navio, neste momento estaria já a usufruir da hospitalidade soviética. Mas é impossível tirá-lo daqui e não poderemos permitir que o seu trabalho caia de novo nas mãos dos alemães. Não, não. Isso não pode acontecer.

— O sorriso desvaneceu-se.

Kovacs estava demasiado estupefacto para sentir medo, mesmo quando viu a pistola à frente, com a boca a encostar-se ao seu coração.

Marinesko mal podia acreditar na sua boa sorte. Tinha estado de sentinela na torre de comando do *S-13*, indiferente ao vento gelado e à chuva de espuma que lhe batiam no rosto. Depois de a neve se dissipar, conseguira avistar a silhueta de um transatlântico oceânico. O navio parecia navegar na companhia de um barco mais pequeno.

O submarino vogava na superfície de um mar alteroso e a tripulação permanecia em posição de combate desde que se tinham avistado as luzes dos barcos a navegar junto à costa. O capitão mandara reduzir a força ascensional do submarino, de modo a que este prosseguisse em águas mais profundas e se tornasse invisível para os radares.

Deduzira que os navios nunca iriam contar com um ataque a partir da costa, pelo que instruíra a tripulação a descrever um arco com o submarino, posicionando-o na cauda do comboio e navegando em paralelo ao transatlântico e ao navio-escolta. Duas horas depois, Marinesko colocava o *S-13* na linha do alvo. Ao aproximar-se do navio por bombordo, deu ordem para dispararem.

Numa sucessão rápida, os cilindros da proa lançaram três torpedos, que avançaram vertiginosamente em direção ao casco indefeso do transatlântico.

...

A porta abriu-se e Karl irrompeu no camarote. Tinha parado no exterior a escutar o murmúrio das vozes masculinas e ficou espantado ao ver à sua frente as costas de uma mulher. Olhou de relance para Kovacs, ainda agarrado à toalha, e distinguiu-lhe o medo estampado na face.

O russo sentiu a corrente de ar frio a passar através da porta aberta. Rodopiou sobre si próprio e disparou sem fixar o alvo. Karl antecipou-se-lhe por um milésimo de segundo. Baixou a cabeça e investiu na direção da região lombar do inimigo.

O golpe tinha a força suficiente para estilhaçar a caixa torácica do assassino, mas a grande espessura do casaco de pele, em conjunto com o espartilho forte que trazia vestido, serviram-lhe de camuflagem. A investida de cabeça serviu apenas para o desequilibrar e fazer cair, aterrando ao lado de Karl. A peruca caiu, deixando ver um cabelo escuro e curto. O homem conseguiu disparar mais um tiro, que raspou o músculo do ombro direito de Karl na base do pescoço.

Karl atirou-se ao assassino, apertando-lhe o pescoço com a mão esquerda. O sangue que caía da ferida pingava sobre os dois. O assassino ergueu o pé e atingiu-lhe o peito, fazendo-o vacilar para trás e tropeçar, até cair de costas.

Kovacs arrebatou o sabonete preso à tina, que tinha uma forma esférica, e atirou-o à cara do assassino. Este deu uma gargalhada. — Já trato de si a seguir — ameaçou ele, apontando a pistola na direção de Karl.

Buum!

As paredes estremeceram com o impacto de uma explosão surda e o convés inclinou-se num ângulo acentuado, na direção de estibordo. Kovacs foi impelido para a frente e caiu de joelhos. Desabituaado dos saltos altos das botas, o assassino desequilibrou-se, caindo mesmo aos pés de Karl. Este agarrou-lhe no pulso, cravando-lhe ali os dentes até ao tutano. A pistola resvalou para o convés.

Buum! Buum!

O navio oscilou com duas novas explosões avassaladoras. O assassino tentou erguer-se, mas voltou a perder o equilíbrio quando o navio guinou para bombordo. Cambaleou e quase conseguia equilibrar-se, mas Karl desferiu-lhe um pontapé no tornozelo. O russo emitiu um berro que nada tinha de feminino e esmagou-se contra o solo com a cabeça a roçar a base metálica da tarimba.

Karl abraçou-se firmemente aos canos da tina e assentou-lhe a bota cardada no pescoço, esmagando-lhe a laringe. O homem agitou-se debaixo

da perna de Karl, com os olhos a saírem das órbitas, enquanto o rosto passava de vermelho-escuro para púrpura, até que acabou por morrer.

Karl ergueu-se, cambaleante.

— Temos de sair daqui — disse ele. — O navio foi torpedeado.

Impeliu Kovacs para fora do camarote e levou-o até ao passadiço, onde se tinha instalado um verdadeiro pandemónio. O corredor estava cheio de passageiros em pânico. Os gritos ecoavam pelas paredes e o toque dos sinais de alarme ampliava ainda mais aquele estridor. As luzes de emergência mantinham-se acesas, mas as explosões tinham feito erguer uma cortina de fogo que diminuía a visibilidade.

A principal escadaria estava atravancada com uma torrente paralisada de passageiros em pânico. Muitos detinham-se a meio do caminho, engasgados com o fumo que lhes queimava as gargantas.

Enquanto a multidão tentava subir, lutando contra a corrente de água que se derramava pelas escadas, Karl abriu uma porta de aço dissimulada na parede e arrastou Kovacs para um espaço às escuras, fechando a porta logo a seguir. O professor sentiu que lhe conduziam a mão até ao degrau de umas escadas.

— Treppe — ordenou Karl.

Kovacs obedeceu-lhe cegamente e foi subindo até encontrar a tampa de um tombadilho. Atrás dele, Karl berrava-lhe que a abrisse e continuasse a trepar. Encontraram umas segundas escadas e Kovacs subiu-as até atingir outra tampa que voltou a abrir. Sentiu então o rosto inundado de ar frio e de flocos de neve trazidos pelo vento. Trepou para fora do tombadilho e ajudou Karl a sair.

Depois olhou em redor, aturdido. — Onde estamos?

— No convés do navio. Por aqui.

Em comparação com o horror da terceira classe, o convés escorregadio e gelado encontrava-se estranhamente deserto. O número reduzido de pessoas que ali se via era composto pelos passageiros privilegiados que dispunham de um camarote no convés. Parte deles aglomerava-se em redor de uma lancha a motor, uma embarcação de aspeto maciço construída para navegar nos fiordes noruegueses. Alguns tripulantes, armados de machados e martelos, quebravam o gelo que se acumulara nas gavietes.

Quando estas ficaram finalmente livres, os membros da tripulação entraram para bordo, empurrando para o lado as mulheres, algumas das quais grávidas. As crianças e os soldados feridos não tinham qualquer possibilidade para tentar embarcar. Karl sacou da pistola e disparou um tiro de

aviso para o ar. Os tripulantes hesitaram, mas apenas por segundos, esforçando-se de novo para entrar no salva-vidas. Karl desferiu um novo tiro, matando o primeiro elemento que tinha saltado para o barco. Os outros fugiram, para salvar as suas vidas.

Karl ergueu uma mulher com o seu bebé e colocou-os na lancha, ajudando o professor a subir, antes de entrar também a bordo. Permitiu ainda que alguns elementos da tripulação embarcassem, a fim de retirarem o homem morto e colocarem o barco na água. Desamarraram então os garruchos ligados aos cabos de amarração e ligaram o motor.

O barco baloiçava, demasiado cheio, enquanto avançava pelas águas em direção às luzes longínquas de um cargueiro que vinha também ao seu encontro. Karl ordenou ainda que parassem para recolher algumas pessoas que flutuavam nas águas. Em breve a lancha ficava perigosamente sobrecarregada. Um dos tripulantes protestou.

— Não há espaço suficiente — gritou ele.

Karl disparou-lhe um tiro para o meio dos olhos. — Agora já há — disse, ordenando a seguir aos outros tripulantes que lançassem o corpo para fora de bordo. Satisfeito por aquele início de amotinação ter sido controlado, encolheu-se para se instalar junto a Kovacs.

— Sente-se bem, professor?

— Sim — respondeu ele, olhando fixamente para Karl. — O senhor é um homem surpreendente.

— Tento sê-lo. Nunca devemos permitir que os inimigos saibam aquilo que os espera.

— Não me referia a isso. Vi-o a ajudar os feridos e as mulheres. Envolveu o bebé nos seus braços, como se ele lhe pertencesse.

— As coisas nem sempre são aquilo que parecem, meu amigo. — Levou a mão ao bolso do casaco e retirou um volume protegido por uma bolsa impermeável. — Estes documentos são para si. A partir de agora deixa de ser Lazlo Kovacs e passa a ser um nativo alemão que vivia na Hungria. Tem apenas um ligeiro sotaque, mas este vai passar facilmente despercebido. Peça-lhe que se misture com a multidão e que passe a ser apenas mais um refugiado. Dirija-se para as linhas britânicas e americanas.

— Quem é o senhor?

— Um amigo.

— Por que razão devo acreditar em si?

— Como lhe disse, nem sempre tudo é aquilo que parece. Faço parte de um círculo que começou a combater as bestas nazis, ainda antes dos russos.

Pelos olhos do professor passou uma expressão de clarividência. — O *Círculo Kreisau*? — Já tinha ouvido alguns rumores sobre aquele grupo de resistência secreto.

Karl levou um dedo aos lábios. — Ainda estamos em território inimigo — avisou num tom de voz mais baixo.

Kovacs apertou o braço de Karl. — Consegue que a minha família seja levada também para um lugar seguro?

— Receio que seja demasiado tarde para isso. A sua família já deixou de existir.

— Mas as cartas...

— Foram falsificações muito bem feitas, para que não esmorecesse e deixasse de trabalhar.

Kovacs olhou em choque para o meio da escuridão, com uma expressão atordoada no rosto.

Karl agarrou o professor pela lapela do casaco e murmurou-lhe ao ouvido. — Para o seu próprio bem e para bem da humanidade, vai ter de se esquecer do seu trabalho. Não pode arriscar-se a que ele vá parar a mãos erradas.

O professor assentiu com a cabeça em silêncio. O barco acabava de acostar ao casco do cargueiro e a escada de embarque já estava a ser arriada. Karl ordenou aos relutantes tripulantes que regressassem com o barco para trazer mais sobreviventes. Do convés do cargueiro, Kovacs viu o barco a afastar-se. Karl acenou-lhe pela última vez e o barco esfumou-se no meio de uma cortina de flocos de neve.

À distância, o professor Kovacs avistou as luzes do transatlântico que estava completamente tombado para bombordo, com a chaminé paralela ao mar. Quando a caldeira explodiu, o navio foi mergulhando nas águas até submergir completamente, uma hora depois de ter sido torpedeado. Nesse curto espaço de tempo, as vidas perdidas no *Gustloff* quintuplicaram o número das desaparecidas no *Titanic*.

1



OCEANO ATLÂNTICO, NO TEMPO PRESENTE

QUEM OLHASSE PELA PRIMEIRA VEZ PARA O *SOUTHERN BELLE* MERECEIA perdão se considerasse que o autor do nome daquele cargueiro maciço tinha um humor cáustico ou, simplesmente, falta de vista. Apesar do nome elegante que evocaria talvez a feminilidade fascinante de Scarlett O'Hara, o *Belle* correspondia em termos simples a um monstro de aço, sem nada que prenunciasse uma beleza feminina.

O *Southern Belle* pertencia à geração de navios potentes e velozes saídos dos estaleiros americanos, ultrapassando a época em que os Estados Unidos ocupavam uma posição de inferioridade face à construção naval dos outros países. Fora concebido em San Diego e construído em Biloxi. O seu comprimento de duzentos metros ultrapassava a extensão de dois campos de futebol juntos e a sua capacidade daria para albergar mil e quinhentos contentores.

O controlo da imponente embarcação era efetuado a partir de uma imensa estrutura, erguida desde a coberta da proa. A cabina do convés, que albergava as instalações da tripulação e dos oficiais, um hospital e enfermarias, os serviços de carga e as salas de conferências, tinha trinta metros de largura e assemelhava-se a um edifício para habitação.

A ponte de comando do *Belle*, instalada no piso superior da superestrutura de seis andares, lembrava um casino de Las Vegas, com as suas baterias de ecrãs táteis e cintilantes, de vinte e seis polegadas. O amplo centro de

operações era o reflexo de uma nova era no conceito da construção naval. A partir dos computadores controlava-se cada aspeto do sistema integrado e das respetivas funções.

Mas torna-se difícil perder hábitos já antigos. O capitão do navio, Pierre “Pete” Beaumont recorria a um par de binóculos para realizar a sua observação, continuando a confiar nos seus olhos, em detrimento da tecnologia eletrónica sofisticada que tinha às suas ordens.

Do local privilegiado onde se encontrava na ponte, Beaumont usufruía de uma vista panorâmica sobre a tempestade atlântica que se precipitava sobre o navio. Os ventos tumultuosos e de grande intensidade erguiam vagas quase à altura de uma casa. As ondas esmagavam-se de encontro à proa e varriam quase metade da extensão dos contentores presos ao convés.

O nível extremo de violência que rodeava o navio teria feito desviar outras embarcações menos potentes, à procura de um local seguro, e provocaria suores frios nos respetivos capitães. Mas Beaumont estava tão sereno como se deslizasse numa gôndola pelo Grande Canal.

Aquele nativo de Louisiana, de ascendência francesa e voz suave, adorava tempestades e deleitava-se a assistir ao confronto entre o seu barco e os elementos naturais. Ao observar o *Belle*, na sua senda impetuosa através das ondas, a manifestação desse poder impressionante quase lhe provocava um prazer sensual.

Beaumont era o primeiro e o único capitão do navio. Assistira à sua construção e conhecia cada uma das suas porcas e parafusos. O *Belle* fora concebido para navegar regularmente entre a Europa e a América, observando uma rota que o levava a enfrentar um dos oceanos mais caprichosos à face da Terra. O capitão estava seguro de que a tempestade se incluía no conjunto dos obstáculos que o grau de construção a que o navio fora sujeito lhe permitia perfeitamente ultrapassar.

O *Southern Belle* fizera escala em Nova Orleães, para receber carregamentos de borracha sintética, filamentos de fibra, plásticos e maquinaria, seguindo depois ao largo da Florida até um ponto sensivelmente a meio da costa atlântica, para iniciar então uma trajetória reta na direção de Roterdão.

Os serviços meteorológicos tinham acertado em cheio na previsão do tempo. As violentas rajadas de vento então previstas tinham dado origem a uma tempestade no Atlântico, que apanhara o navio a cerca de duzentas milhas da costa. Mesmo quando os ventos se intensificaram, Beaumont

ficara imperturbável. O navio conseguiria sobreviver facilmente a um tempo pior.

Ao perscrutar o oceano, endireitou-se de súbito e encostou melhor as lentes ao rosto. Baixou os binóculos, ergueu-os de novo e murmurou qualquer coisa entre dentes. Depois virou-se para o primeiro-oficial.

— Veja aquela zona do oceano. Perto das duas horas. Confirme-me se nota alguma coisa de especial.

O oficial, Bobby Joe Butler, era um homem do mar, jovem e talentoso, originário de Natchez, no Mississípi. Butler não fazia qualquer segredo sobre o desejo de um dia vir a comandar um navio como o *Belle*. Ou até o próprio *Belle*. Em cumprimento às ordens do capitão, perscrutou o oceano numa área de trinta graus para estibordo.

Distinguiu apenas a água cinzenta e sarapintada a estender-se em direção a um horizonte enevoadado. Depois, a cerca de uma milha de distância do navio, avistou uma linha de espuma branca, a uma altura superior, pelo menos duas vezes, à onda que lhe estava na base. Enquanto a observava, a coluna de água em ascensão foi crescendo rapidamente, como se sugasse a energia das ondas circundantes.

— Parece que temos uma grande vaga no nosso caminho — comentou Butler, na sua voz arrastada do Mississípi.

— Que dimensão terá?

O oficial semicerrou os olhos, para espreitar através das lentes. — A média das ondas tem estado a atingir os nove metros. Esta parece ter o dobro da altura. Ena! Já tinha visto uma assim tão grande?

— Nunca — reconheceu o capitão. — Em toda a minha vida.

Ele sabia que o seu navio conseguiria ultrapassar a onda, se a apanhasse primeiro com a proa para reduzir a área de impacto. Ordenou então ao timoneiro que programasse o piloto automático para a enfrentar e que o mantivesse estável. Em seguida, arrebatou o microfone e premiu uma tecla na consola, para comunicar com todos os altifalantes do navio a partir da ponte de comando.

— Atenção a toda a tripulação. Fala-vos o capitão. O navio está na iminência de ser atingido por uma vaga grande e perigosa. Conservem-se em lugar seguro, afastem-se de objetos que possam voar e agarrem-se. O impacto vai ser severo. Repito. O impacto vai ser *severo*.

Como medida de precaução, ordenou ainda ao operador de rádio que emitisse um SOS. Se fosse necessário, poderiam sempre dispor de ajuda para conduzir o navio de regresso ao porto.

A onda verde e estriada a branco estava a cerca de meia milha do navio. — Olhe — dizia Butler. Via-se uma série de clarões brilhantes a cruzar o céu. — Serão relâmpagos?

— Talvez — respondeu o capitão. — Estou mais preocupado com aquela maldita onda!

O perfil da vaga era diferente de qualquer outro fenómeno que conhecia. Ao contrário da maior parte das ondas que tinham uma inclinação descendente a partir da crista, esta era quase toda vertical, como se fosse uma parede em movimento.

O capitão estava abstraído numa experiência sensorial estranha. Parte de si, de forma objetiva e científica, observava com fascínio o evoluir da onda, a par do seu poder e tamanho, enquanto a outra parte se entregava a um deslumbramento involuntário perante aquela força imensa e ameaçadora.

— Continua a aumentar — comentou Butler, com um tom de temor evidente.

Beaumont assentiu com a cabeça. Calculava que a onda atingira já uma altura de trinta metros, quase triplicando a altura que teria quando a vira inicialmente. O rosto empalidecera e a sua segurança de ferro ameaçava sucumbir. Um navio com a dimensão do *Belle* não poderia virar-se num circuito tão apertado, pelo que permanecia ainda com o costado voltado para a onda emergente, quando esta investiu sobre ele como uma força anímica. Beaumont previra o impacto que a onda iria causar, mas não estava preparado para ver a enorme depressão que se abria no oceano à sua frente, com dimensões suficientes para engolir o navio.

Parece o fim do mundo, pensou ele, olhando para aquele abismo abaixo dos seus olhos.

O navio inclinou-se sobre a depressão e deslizou pesadamente sobre um dos flancos, enterrando a proa no fundo do oceano. O capitão foi projetado contra as anteparas à sua frente.

Em vez de os atingir de frente, a vaga caiu sobre o cimo do navio, submergindo-o em milhares de toneladas de água.

A pressão fez implodir os vidros da casa do leme, enquanto o Oceano Atlântico parecia derramar-se em peso sobre a ponte de comando. A massa de água colheu o capitão e os seus companheiros na ponte, com um ímpeto correspondente a uma centena de mangueiras de incêndio. A ponte de comando ficou transformada numa amálgama de braços e pernas, enquanto

os livros, os lápis e os estofos das cadeiras eram atirados de um lado para o outro.

Parte da quantidade de água saiu de novo pelas janelas e o capitão esforçou-se por readquirir o controlo dos comandos. Todos os ecrãs de apoio ao comando do navio estavam inativos. O *Belle* ficara sem radar, bússolas giroscópicas, comunicação de rádio e, o que era ainda mais grave, sem energia. Os curto-circuitos tinham afetado toda a instrumentação e a caixa de direção estava completamente inoperacional.

O capitão aproximou-se de uma das janelas para verificar a extensão dos estragos materiais. A proa fora destruída e o navio inclinava-se agora para estibordo. Ele suspeitava também que a blindagem do casco fora afetada. Na coberta da proa, os salva-vidas tinham sido arrancados das gavietes. O navio revolvia-se no meio do mar como um hipopótamo embriagado.

À semelhança de um demagogo que amotina uma multidão, aquela vaga gigantesca parecia aglutinar todas as ondas à sua volta. Estas varriam completamente a coberta do convés. Para piorar a situação, os motores avariados levavam o navio a enfrentá-las de través, flutuando à deriva na pior posição possível.

Após ter conseguido sobreviver à grande vaga, o *Belle* tinha o flanco exposto, correndo o perigo de sofrer um rombo, como se diria na gíria colorida do mar.

O capitão tentava conservar o seu otimismo. Mesmo que alguns compartimentos estivessem inundados, o *Southern Belle* conseguiria sobreviver. O SOS deveria ter chegado aos ouvidos de alguém. O navio poderia manter-se a flutuar durante dias se necessário, até chegar uma ajuda.

— *Capitão*. — O primeiro-oficial interrompeu-lhe o fluxo de pensamentos.

Butler olhava fixamente para lá do vidro partido. Havia uma expressão assombrada nos seus olhos, que estavam presos a um ponto longínquo. O capitão seguiu com um olhar estupefacto a direção indicada pelo dedo de Butler e começou a tremer, sentindo um arrepio de pavor a dominar-lhe os sentidos.

A menos de um quarto de milha de distância, começara a formar-se outra linha horizontal de espuma.

A primeira aeronave surgiu duas horas mais tarde. Sobrevoou o mar em círculo e, passado pouco tempo, estava já acompanhada por outros aviões.

Começaram depois a chegar os navios de resgate, à medida que iam derivando das suas rotas de navegação. As embarcações formaram uma linha, com três milhas de distância entre cada, e varreram o mar como uma equipa de salvamento à procura de uma criança perdida nos bosques. Após dias de pesquisa, não conseguiram encontrar coisa alguma.

O *Southern Belle*, um dos cargueiros mais avançados que alguma vez fora projetado e construído, tinha simplesmente desaparecido sem deixar rasto.

2



ESGUIO E AFUNILADO COMO UMA FLECHA, O CAIAQUE DESLIZAVA PELA SUPERFÍCIE COR DE SAFIRA DO ESTREITO DE PUGET, COMO SE TIVESSE SIDO DISPARADO POR UM ARCO. O HOMEM ENCAIXADO NA CARLINGA POSSUÍA OS OMBROS LARGOS E PARECIA FORMAR COM A EMBARCAÇÃO DE MADEIRA UMA PEÇA ÚNICA. REMAVA EM MOVIMENTOS FLUIDOS E NATURAIS, CONCENTRANDO A FORÇA DOS BRAÇOS MUSCULADOS EM GOLPES PRECISOS, PARA IMPRIMIR AO CAIAQUE UMA VELOCIDADE CONSTANTE.

O suor brilhava nas feições do tripulante, vincadas e bronzeadas pelo sol. Abarcou a vasta amplitude do estreito, as ilhas de San Juan e, mais ao longe, as montanhas Olympic com os picos cobertos de neve, com uns olhos penetrantes e azuis-claros, da cor dos corais subaquáticos. Kurt Austin inspirou, deixando que o ar salgado lhe inundasse os pulmões e abriu os lábios num enorme sorriso. Era bom voltar a casa.

A função de diretor da Equipe de Projetos Especiais para a Agência Nacional Marinha e Submarina¹ fazia com que Austin se deslocasse com frequência a pontos remotos do mundo. Mas fora nas águas em redor de Seattle, onde nascera, que adquirira o gosto pelo mar. O estreito de Puget era-lhe familiar como um amor antigo. Navegava naquelas

¹ N.T.: No original *NUMA* — *National Underwater and Marine Agency*. Fundação particular, sem fins lucrativos, que se dedica a atividades subaquáticas de pesquisa arqueológica e conservação de espólios provenientes de naufrágios.

águas quase desde que começara a andar e participava em corridas de barcos desde os dez anos de idade. Os barcos de corrida eram a sua paixão; tinha quatro: um catamarã de oito toneladas, com capacidade para exceder as cem milhas horárias; um hidroavião mais pequeno com motor de fora de borda; um veleiro com seis metros de comprimento; e um barco de regatas com que adorava remar ao longo do rio Potomac, de manhã bem cedo.

A última adição à sua frota fora um caiaque *Guillemot*, adquirido numa viagem recente a Seattle. Admirava aquela construção em madeira natural e a configuração elegante do casco delgado inspirada nas embarcações *Aleut*. À semelhança de todos os seus barcos, este tinha tanto de rápido quanto de belo.

Austin ia tão concentrado no cenário e nos odores familiares que quase se esquecia de que não estava sozinho. Espreitou por cima do ombro. Atrás de si, na esteira do sulco que ia imprimindo nas águas, seguia uma flotilha de cinquenta caiaques. Eram embarcações sólidas, fabricadas em fibra de vidro e com capacidade para dois lugares, conduzidas pelos pais e respetivos filhos. Os caiaques avançavam com um ritmo prudente e sereno, contrastando com a marcha acelerada de Austin. Este tirou da cabeça o boné de basebol azul-turquesa, com o emblema da NUMA, para o agitar bem alto a incentivá-los, deixando ver um cabelo revoltado, prematuramente cor de cinza, quase platinado.

Quando o pai, um empresário abastado de uma empresa internacional de assistência a naufrágios, sediada em Seattle, lhe pedira para dirigir a prova anual de caiaques, organizada a favor de instituições de solidariedade, Austin não hesitara. Trabalhara na Austin Marine Salvage durante seis anos, antes de ser convidado a colaborar com um departamento pouco conhecido da CIA, que se dedicava à recolha de informação no campo subaquático. No final da Guerra Fria, a CIA tinha encerrado a área de investigação e Austin fora contratado pelo então presidente da NUMA, James Sandecker. Posteriormente, Sandecker ascendera ao cargo de Vice-presidente dos Estados Unidos.

Austin manobrou os remos na água, para conduzir o caiaque na direção de duas embarcações ancoradas a um quarto de milha de distância, onde se encontrava o júri da prova e os jornalistas. Os barcos estavam separados por um intervalo de aproximadamente trinta metros e a cada um deles estava presa a extremidade de uma enorme faixa em tela plástica vermelha e branca com a palavra META. Por detrás da faixa havia um *ferry-boat*

oficial preso a uma lancha. No final da corrida, os caiaques iriam ser içados para a lancha e seguir-se-ia um almoço no *ferry* com a presença de todos os participantes. O pai de Austin acompanhava a corrida no *White Lightning*, um potente barco a motor de casco branco.

Austin mergulhou os remos dentro de água e preparava-se para disparar até à meta quando sentiu uma pequena agitação fora do alcance da visão. Voltou-se para a direita e avistou uma barbatana curva e elevada a sulcar as águas na sua direção. Enquanto a observava, pelo menos mais vinte barbatanas surgiram atrás da primeira.

O estreito de Puget abrigava vários bandos de orcas que se alimentavam de salmões. Eram consideradas as mascotes locais e constituíam uma enorme fonte de receita para a economia, atraindo turistas de todas as partes do mundo. Estes chegavam a Seattle em grandes avalanches para participarem nos circuitos de observações das baleias e nas expedições de caiaque. As baleias assassinas costumavam nadar na direção dos caiaques e proporcionavam espetáculos frequentes, saltando parcialmente ou erguendo-se completamente sobre as águas. Era vulgar vê-las a flutuar ao lado dos caiaques, apenas a poucos metros de distância, com um ar inofensivo e sem quaisquer vestígios de agressividade.

Quando a primeira barbatana se encontrava a cerca de quinze metros de distância, a orca elevou-se sobre a barbatana da cauda. Cerca de metade do seu comprimento de sete metros encontrava-se já fora da água. Austin parou de remar e ficou a observá-la. Já vira anteriormente aquele movimento, mas encarava-o sempre como algo assustador. A baleia que agora olhava para ele era um portento com pelo menos sete toneladas e seria talvez a chefe do grupo. O corpo brilhante, branco e preto, luzia de humidade.

A baleia mergulhou para trás com um estrondo e a barbatana voltou a mover-se rapidamente na direção de Austin. De acordo com a sua experiência, este esperava que a orca mergulhasse sob o caiaque exatamente no último segundo. Mas quando estava a apenas uns metros de distância, a baleia ergueu-se e abriu as mandíbulas. No interior da boca rosada, as filas de dentes aguçados como lâminas estavam tão próximas que se podiam tocar. Austin fitava-a, atônito. Tinha a sensação de que um palhaço amoroso de um circo se metamorfoseara num monstro. Quando as mandíbulas começaram a cerrar-se, Austin arremessou com toda a força o remo de madeira

à bocarra da criatura. Ouviu-se um estalido sonoro, enquanto os dentes se fechavam sobre o remo.

O corpo esmagador da baleia abateu-se sobre a parte dianteira do caiaque, com o seu peso leve de quinze quilos, e desfê-lo em pedaços, arremessando Austin para a água gelada. Depois de submergir durante uns segundos, o colete salva-vidas trouxe-o de novo à superfície. Expeliu a água que tinha na boca e deu meia-volta. Para seu alívio, a barbatana começou a afastar-se.

O pequeno grupo de baleias encontrava-se entre Austin e uma ilha já próxima. Em vez de se deslocar naquela direção, ele começou a nadar para o exterior da baía. Depois de algumas braçadas, parou e manteve-se a boiar de costas. O arrepio de frio que sentia na espinha não se devia apenas à água fria.

Atrás de si havia uma verdadeira falange de barbatanas. Desembarçou-se dos sapatos de *surf* dos pés e do fato pneumático, que lhe tolhiam os movimentos. Mas sabia que aquele gesto era inútil. Mesmo sem o fato, precisaria de um motor de fora de borda preso às costas para conseguir distanciar-se da orca. As baleias assassinas conseguiam atingir velocidades próximas das trinta milhas horárias.

Austin já tinha ultrapassado muitas adversidades humanas com sangue-frio, mas agora encontrava-se perante algo diferente. Sentia-se invadido pelo terror primitivo que os seus antepassados da Idade da Pedra já deviam ter enfrentado. À medida que as baleias se aproximavam, conseguia distinguir um barulho suave e marinho, sempre que elas expeliam o ar pelas narinas.

Suu-suu.

No momento exato em que esperava sentir um dente pontiagudo a enterrar-se-lhe na carne, o coro de exalações fumegantes foi abafado pelo rugido de uns motores potentes. Com os olhos embaciados pela água, conseguiu distinguir o reflexo do sol no casco de um barco e umas mãos estendidas que o agarravam pelos braços. Depois sentiu os joelhos a baterem contra a fibra dura do casco, enquanto era arremessado contra o convés, como se fosse um peixe acabado de pescar.

— Sente-se bem? — A pergunta era-lhe dirigida por um homem que se debruçava sobre ele.

Austin inspirou profundamente uma golfada de ar e agradeceu a ajuda ao samaritano desconhecido.

— O que aconteceu? — perguntou o estranho.

— Fui atacado por uma baleia.

— Isso é impossível — comentou o homem. — Elas comportam-se como cães enormes e amistosos.

— Diga-lhes isso a *elas*.

Austin levantou-se com algum esforço. Encontrava-se num barco potente e bem equipado com cerca de dez metros de comprimento. O homem que o retirara da água tinha a cabeça completamente rapada, com uma tatuagem no crânio, com o desenho de uma aranha. Vestia calças de ganga e um blusão de cabedal, ambos pretos, e tinha os olhos ocultos por uns óculos de vidro azul refletor.

Atrás dele, no convés havia uma estrutura metálica invulgar em forma de cone, com aproximadamente dois metros de altura. Da estrutura saíam vários cabos elétricos compactos, fazendo lembrar as hastes de uma videira. Austin observou perplexo, por segundos, aquele aparato estranho mas sentiu-se mais preocupado com o evoluir dos acontecimentos na água.

As baleias que o perseguiram como um bando de piratas hostis começaram agora a desviar-se do barco, para se dirigirem aos outros caiaques. Algumas pessoas tinham visto a embarcação de Austin a virar-se, mas não estavam suficientemente perto para testemunhar o ataque. Com a sua saída da corrida, instalara-se entre os participantes uma verdadeira confusão. Alguns continuavam a remar devagar. Muitos outros tinham apenas detido a sua marcha, estando agora completamente imóveis no meio da água, como patinhos de borracha no interior de uma banheira.

As orcas aproximavam-se rapidamente dos remadores desorientados. E a agravar ainda mais a situação, apareciam outros bandos de baleias, que se acercavam dos caiaques, preparando-se para os rodear e iniciar a matança. Os participantes ignoravam o perigo daqueles dentes, afiados como farpas, que vinham ao seu encontro. Muitos tinham já percorrido o estreito nas suas embarcações e sabiam que as orcas eram inofensivas.

Austin agarrou-se precipitadamente à roda do leme. — Espero que não se importe — proferiu, enquanto ligava o motor.

A resposta do homem foi abafada pelo troar dos dois motores de fora de borda e em breve o barco planava na superfície das águas. Austin dirigiu a embarcação para um intervalo estreito entre os condutores dos caiaques e as barbatanas em movimento. Tinha esperança de que o barulho dos motores e do casco distraísse as orcas, mas sentiu um baque no coração quando as viu separarem-se em dois grupos para o rodear, persistindo no seu objetivo. Ele sabia que as orcas comunicavam entre

si para coordenarem os ataques. Em poucos segundos, o grupo atingia a flotilha como uma chusma de torpedos, embatendo com os corpos volumosos nas embarcações delicadas. Alguns dos caiaques viraram-se e os passageiros caíram à água.

Austin reduziu a velocidade do barco e manobrou-o para passar entre as cabeças flutuantes das crianças e dos pais, e as barbatanas das orcas. O *White Lightning* tinha-se aproximado de alguns caiaques virados, mas a situação era de tal maneira caótica que aquilo não servia para coisa alguma. Austin viu uma das barbatanas maiores a aproximar-se rapidamente de um homem, que flutuava à tona da água, sustendo nos braços a filha muito pequena. Para chegar junto deles teria de abandonar os outros caiaques. Voltou-se para o proprietário do barco.

— Tem a bordo uma espingarda de arpões?

O homem calvo remexia freneticamente num aparelho que estava conectado à estrutura através de um cabo. Levantou os olhos do que estava a fazer e abanou a cabeça.

— Já não — afirmou. — Veja! — Apontava na direção do grupo de caiaques virados.

A grande barbatana tinha-se detido. Mantinha-se estática e balançava inofensivamente muito perto do homem e da filha. A seguir começou a afastar-se dos caiaques e dos desafortunados remadores.

As outras barbatanas seguiram-na. Os grupos adjacentes que se tinham aproximado suspenderam os seus ataques e retrocederam vagarosamente para águas mais profundas, enquanto o grande portento se elevava num enorme salto brincalhão a uma grande altura. Passados minutos, não existia mais nenhuma orca à vista.

Havia um rapazinho que se tinha perdido do pai. O colete salva-vidas devia estar mal colocado, porque a cabeça estava prestes a submergir no interior das águas. Austin trepou para a amurada e lançou-se para o ar. Atingiu a água com um mergulho pouco profundo e dirigiu-se rapidamente para o rapaz. Conseguiu agarrá-lo no momento exato em que ele se afundava.

Em seguida, avançou em braçadas suaves, sustendo a cabeça do rapaz à superfície. Teve de aguardar apenas alguns momentos. O *White Lightning* tinha lançado os salva-vidas insufláveis e os concorrentes estavam a ser içados para bordo. Austin ajudou o rapaz a subir e depois deu meia-volta. O homem calvo e o barco tinham desaparecido.

...

Austin Sênior parecia a imagem envelhecida do filho refletida num espelho. Os ombros largos estavam ligeiramente descaídos, mas conservavam o ar de quem era capaz de abrir o seu caminho através de uma parede. O cabelo espesso e prateado era mais curto que o do filho. Este esforçava-se por permanecer afastado dos barbeiros durante bastante tempo.

Embora estivesse entre os setenta e os oitenta anos, mantinha uma constituição rija e em boa forma, graças a um regime severo de dieta e exercício. Conseguia trabalhar ininterruptamente durante um dia inteiro, algo que teria deixado extenuado um homem com metade da sua idade. O rosto estava bronzeado pelo sol e pelo mar, com uma rede fina de rugas a percorrer-lhe a pele morena. Os olhos azuis-esverdeados, da cor do coral, poderiam desferir um brilho de ferocidade leonina, mas, habitualmente, e à semelhança dos olhos do filho, lia-se neles um ar de suave encanto quando fitavam o mundo.

Os dois Austins estavam instalados nas cadeiras luxuosas do requintado camarote principal do *White Lightning*, aquecendo entre as mãos uma dose dupla de *Jack Daniel's*. Kurt pedira emprestado ao pai um dos fatos desportivos talhados à medida. Quando mergulhara nas águas do estreito de Puget, ficara com a sensação de estar numa banheira repleta de pedras de gelo, e o licor que agora lhe escorria pela garganta substituí-a gradualmente, por um calor reconfortante, o arrepio que sentia nos membros.

O camarote estava mobilado a couro e a bronze, e decorado com gravuras de corridas de polo ou de cavalos. Kurt sentia-se um dos seletos frequentadores dos clubes britânicos masculinos, onde um dos membros poderia estar morto durante vários dias, no seu cadeirão ultraestofado, até ser descoberto. O aspeto duro do pai não corresponderia exatamente ao de um lorde britânico e Kurt suspeitava que aquele ambiente fora estudado, para atenuar os ângulos mais agrestes do combate que ele travava para atingir o topo de uma área de negócios competitiva.

O homem idoso voltou a encher os copos e ofereceu a Kurt um havano *Cohiba Lanceros*. Este recusou delicadamente e o pai acendeu o seu, exalando uma nuvem púrpura que lhe rodeou a cabeça.

— Que diabo aconteceu ali hoje?

Kurt ainda sentia a mente enevoada. Reconsiderou a oferta do charuto e foi ordenando os seus pensamentos, enquanto se dedicava ao ritual másculo de o atear. Deu um novo gole na bebida e narrou a sua história.

— Disparate! — Austin resumia a sua reação numa única palavra.

— Que diabo, aquelas baleias nunca fizeram mal a ninguém. Isso é uma coisa que tu sabes, porque já andas pelo estreito desde miúdo. Alguma vez ouviste falar num caso semelhante?

— Não — respondeu Kurt. — Parece que as orcas apreciam a companhia do ser humano, uma coisa que sempre me espantou.

Austin respondeu-lhe com uma gargalhada. — Isso não tem qualquer mistério. São animais espertos e sabem que, à sua semelhança, nós somos uns predadores da pior espécie.

— A única diferença está em que elas apenas matam para comer.

— Bem visto — concordou Austin. Levantou-se para servir uma nova bebida, a qual Kurt dispensou com um gesto. Tinha a perfeita noção de que não valia a pena tentar competir com o pai naquele campo.

— O pai conhece toda a gente em Seattle. Já reparou num tipo careca com uma aranha tatuada na cabeça? Deve andar na casa dos trinta anos. Veste-se de cabedal negro, como um anjo dos infernos.

— O único que corresponde a essa descrição é o Barrett Spider.

— Não sabia que conhecia tão bem as personagens da banda desenhada, pai.

O rosto de Austin franziu-se num sorriso. — Barrett é um génio informático fanático que conseguiu obter um sucesso assinalável nessa área. É uma espécie de Bill Gates de segunda categoria. A fortuna não deve ultrapassar os três mil milhões de dólares. Possui uma mansão enorme, erguida sobre o estreito.

— Pareceu-me bom tipo. Conhece-o pessoalmente?

— Apenas de vista. Costumava ser uma presença constante nos círculos notívagos. Depois desapareceu da circulação.

— Qual é a história da pintura na cabeça?

— Ouvi dizer que em miúdo ele era um grande admirador do Homem Aranha. Rapou a cabeça, mandou tatuar o crânio e depois voltou a deixar crescer o cabelo. Quando era mais velho, o cabelo começou a cair e a tatuagem ficava à vista, pelo que ele optou por o rapar completamente. Bom, com o dinheiro que tem, Barrett podia decorar o corpo com uma banda desenhada completa e ninguém lhe levava a mal.

— Seja ou não excêntrico, ele salvou-me e evitou que eu me transformasse num isco das baleias. Gostava de lhe agradecer e pedir-lhe desculpa por me ter apossado dos comandos do barco.

Kurt preparava-se para falar ao pai sobre a estrutura metálica que vira no barco de Barrett quando um dos membros da tripulação entrou no

camarote para lhes anunciar uma visita. — É alguém da parte dos serviços da Fauna Marítima e Vida Selvagem — comunicou ele.

Momentos depois entrava no camarote uma mulher jovem, de aspecto delicado e cabelo escuro, envergando o uniforme do Departamento da Fauna Marítima e Vida Selvagem dos Estados Unidos. Teria vinte e poucos anos, ainda que os óculos de aros escuros e a expressão séria lhe conferissem um ar mais maduro. Disse chamar-se Sheila Rowland e pediu para falar com Kurt sobre o seu encontro com as baleias.

— Lamento interromper-vos — desculpou-se ela. — Cancelámos as viagens em caiaque no estreito de Puget até apurarmos tudo o que se relaciona com este acidente. A observação das baleias corresponde a uma grande fatia da economia local, pelo que estamos a realizar esta investigação com a máxima celeridade. Os promotores turísticos já começaram a manifestar-se contra a interdição, mas não podemos correr riscos.

Austin convidou-a a sentar-se e Kurt descreveu pela segunda vez o que tinha acontecido.

— Isso é muito estranho — comentou ela, abanando a cabeça. — Nunca tinha ouvido falar em ataques das orcas a um ser humano.

— E os ataques nos parques aquáticos? — lembrou Kurt.

— Essas baleias são mantidas em cativeiro e atuam sob pressão. Ficam enfurecidas por se verem encarceradas e sujeitas a desgaste, e por vezes os treinadores são alvo das suas frustrações. No estado selvagem, há muito poucos casos em que uma orca tenha agarrado um surfista por pensar que se tratava de uma foca.

— Então parece que a baleia que encontrei não gostou da minha cara — comentou Kurt com ironia.

Sheila sorriu, pensando ao mesmo tempo que, com aquele rosto bronzeado e os olhos azuis-claros, Kurt era um dos homens mais atraentes que já conhecera. — Não me parece que seja esse o caso. Se uma orca não simpatizasse com a sua cara, iria ficar *sem* ela. Já vi uma baleia a sacudir um leão-marinho com duzentos e cinquenta quilos, como se se tratasse de uma boneca de trapos. Vou ver se descubro um vídeo do acidente.

— Isso deve ser fácil, porque havia imensas câmaras a filmar a corrida — observou Kurt. — Acha que terá existido alguma coisa que irritasse as baleias e as tornasse mais agressivas?

Ela acenou com a cabeça. — As orcas dispõem de sistemas sensitivos extremamente apurados. Quando alguma coisa escapa ao seu controlo, podem tentar atingir o objeto que se encontra mais perto.

— Tal como nos parques subaquáticos, quando existe um excesso de trabalho?

— Talvez. Vou contactar alguns cetologistas para recolher as suas opiniões acerca disto. — Sheila levantou-se e agradeceu a ambos pelo tempo que lhe tinham dispensado. Depois de a rapariga sair, o pai de Kurt preparou-se para servir uma nova bebida, mas este tapou o copo com a mão.

— Já percebi a sua intenção, velha raposa. Está a tentar embriagar-me para me arrastar para uma das suas operações de resgate.

Austin Senior não escondia o desejo de desviar o filho da NUMA e de o atrair para o seio dos negócios familiares. A opção de Kurt de ficar na NUMA, em vez de pegar nas rédeas dos negócios, era uma questão permanente entre os dois. Ao fim de vários anos, o que começara por ser uma fonte amarga de fricção já se tornara numa piada de família.

— Estás a transformar-te num franganote — comentou Austin, fingindo-se consternado. — Tens de reconhecer que a NUMA não é o expoente máximo no campo das emoções.

— Pai, eu já lhe respondi a essa questão. Isto não tem nada a ver com emoções.

— Está bem, eu sei. Trata-se do dever à pátria e de coisas parecidas. E o pior de tudo é que não posso atribuir verdadeiramente as culpas a Sandecker por te reter em Washington, uma vez que ele agora é o vice-presidente. Quais são os teus planos?

— Vou ficar aqui durante mais alguns dias. Preciso de encomendar um novo caiaque. E o pai?

— Eu tenciono fazer um belo negócio com o resgate de um pescueiro que naufragou em Hanes, no Alasca. Queres participar neste projeto? Há lugar para ti.

— Agradeço-lhe, mas tenho a certeza de que é capaz de tratar do assunto sozinho.

— Não vais zangar-te comigo por eu tentar de vez em quando. Muito bem, convido-te para jantar.

Kurt Austin estava a cortar um pedaço de um bife monumental na churrasqueira preferida do pai, quando sentiu o telemóvel a vibrar. Pediu licença e foi atender a chamada junto à receção. No ecrã minúsculo do aparelho aparecia a imagem de vídeo de um homem moreno, com o cabelo espesso e negro penteado para trás. Joe Zavala era um dos membros da Equipa

de Projetos Especiais de Austin e fora recrutado por Sandecker, assim que terminara o curso no Instituto Marítimo de Nova Iorque. Era um excelente engenheiro naval e a sua competência na criação de submersíveis fora de imediato aproveitada para uma das áreas de intervenção da NUMA.

— Fico contente por ver que ainda estás inteiro — afirmou Zavala. — Todos os noticiários referem o ataque da orca durante a tua corrida de caiaques. Como estás?

— Ótimo. Mas de facto devo dizer-te que a experiência não foi propriamente agradável.

Zavala esboçou um sorriso leve. — A minha vida é tão monótona. Que outra pessoa senão Kurt Austin poderia transformar uma corrida de caiaques, a favor de uma causa social, numa luta de vida e morte com um bando de baleias assassinas?

— A última vez que te vi andavas muito entretido a sair com as raparigas mais atraentes de Washington. Essa não é a minha ideia de uma vida monótona.

Zavala era um homem sociável, com bastante sucesso junto das mulheres solteiras de Washington graças ao seu charme e a uns olhos castanhos, escuros e expressivos, a par dos atrativos latinos.

— Devo confessar que a vida tem os seus momentos altos quando estou com uma nova namorada e me encontro com uma namorada antiga, mas isso não é nada em comparação com a tua corrida. O que aconteceu?

— Estou a jantar com o meu pai, pelo que só poderei satisfazer a tua curiosidade daqui a alguns dias, quando regressar.

— Parece-me que vais voltar a Washington mais cedo do que pensavas. Temos instruções para irmos de barco para Norfolk, amanhã à noite. Conheces o Jerry Adler?

— O nome parece-me familiar. Não é aquele especialista em ondas do Instituto de Oceanografia?

— Trata-se de um dos melhores especialistas mundiais nessa área. Vamos colaborar com ele na descoberta do *Southern Belle*.

— Lembro-me de ter lido qualquer coisa sobre o *Belle*. Era um porta-contentores enorme, que desapareceu no passado mês de março.

— Exatamente. O Rudi telefonou-me. O Adler está interessado em contar com a tua participação neste projeto. Parece que ele mexeu alguns cordelinhos, porque o Rudi está disposto a satisfazer-lhe o desejo. — Rudi Gunn era o responsável pela parte operacional da NUMA.

— Que estranho! Nunca conheci o Adler pessoalmente. Não se terá enganado? Existe uma dúzia de membros da NUMA com experiência em buscas. Por que razão me escolheram a mim?

— Rudi disse-me que não fazia a mínima ideia. Só que o Adler dispõe de prestígio internacional e ele aceitou a este seu pedido para o ajudarmos a encontrar o navio.

— Curioso. O *Belle* desapareceu a meio da costa atlântica. A que distância fica a zona de pesquisa onde os Trout andam a trabalhar? — Paul e Gamay Trout, os outros dois membros da Equipa de Projetos Especiais, estavam a meio de uma pesquisa oceanográfica.

— Suficientemente próximos para os conseguirmos localizar e organizar uma patuscada — afirmou Zavala. — Já tenho uma garrafa de tequilha.

— Enquanto tratas dos preparativos para a festa, eu vou alterar a minha passagem aérea e depois aviso-te quando chegar.

— Vou buscar-te ao aeroporto. Já fretaram um avião para nos levar até Norfolk.

Discutiram outros pormenores e despediram-se. Kurt refletiu sobre o pedido de Adler e depois regressou à mesa para comunicar ao pai que iria partir na manhã seguinte. Mesmo que Austin se sentisse contrariado com a mudança de planos do filho, não o demonstrou. Agradeceu a Kurt a sua ida a Seattle para o apoiar na prova dos caiaques e combinaram voltar a encontrar-se numa altura em que ambos estivessem disponíveis.

Na manhã seguinte Kurt saiu de Seattle num dos primeiros voos. Assim que o avião descolou e se dirigiu para leste, pensou sobre o pai e o seu silêncio relativamente à mudança dos planos. Perguntava a si próprio se Austin estaria de facto interessado em que ele participasse no negócio da família. Para o pai isso significaria o final de uma vida de trabalho. Ambos tinham uma personalidade forte, o que corresponderia à existência de dois capitães dentro do mesmo barco.

De qualquer forma, o pai estava rotundamente enganado sobre os motivos que levavam Kurt a sentir-se preso à NUMA. Aquilo que o ligava à enorme agência de ciências oceânicas não eram as emoções. A anteceder os momentos tão ansiosos e repletos de adrenalina, existiam horas intermináveis passadas com relatórios, trabalho de secretária e reuniões, as quais tentava evitar, agarrando-se ao trabalho de campo. O que o atraía sem limites eram os inexplicáveis *mistérios* do mar.

Mistérios como aquele estranho encontro com as baleias assassinas.

Refletiu sobre o incidente com as orcas e também sobre o homem com a tatuagem esquisita. Para que serviria aquele mecanismo elétrico que vira no barco? Passados alguns minutos, desviou-se dos seus pensamentos e pegou num bloco e numa caneta para começar a alinhar as especificações do novo caiaque.